

SOBRE FÉLIX GUATTARI

Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

*Perderás de mim
Todas as horas
Porque só me terás
A uma determinada hora.
(Hilda Hilst, Poema sobre a morte)*

Para nós Guattari é um estilo de pensar e viver. Ele fez de tudo para afirmar sua existência: às vezes muito barulho e noutras silêncio. Essa afirmação existencial nada tem a ver com um prazer narcísico de contemplar um espelho, ou ver-se projetado no mundo.

Há um tipo de pensador que afirma, erguido por seu orgulho: 'eu penso o mundo'. Ele segue um método com rigor e não se engana. Em primeiro lugar faz questão de mostrar, sem nenhuma sombra de dúvida, que é ele o autor do pensamento, e que isto não é fácil, que exige muita esperteza, erudição. Que ninguém se atreva a fazer o mesmo sem ter feito penitência intelectual, sem ter lido tudo isso e mais aquilo, sem falar grego, inglês, francês e principalmente o alemão. Se, mesmo assim, há um outro que pensa apesar desse 'eu', ele só terá existência significativa se for um espelho-eu, senão será ruído a ser estirpado ou ignorado: a guerra com desejo de destruição.

Além disso, há o predicado 'mundo'. Separado tanto quanto possível desse 'eu' (que já não é tão bobo para se apresentar asséptico com seu avental branco), o 'mundo' é um objeto a ser alcançado, descoberto, desvendado, já que ele se vela. O 'mundo' se torna uma histórica que seduz e não se entrega, sempre incompleto, nunca gozando e sempre erotizando. Não há nenhum erro em colocar Eros como um deus que procura pela sabedoria. O problema está em esquecer Vênus e Afrodite, esquecer que a sabedoria é a potência ativa dos *corpos*. No entanto, a fidelidade do amor contemplativo de Eros coloca o 'eu' e o 'mundo' casados e separados: 'eu' sempre olho, vejo muito mais do que os

outros, e o 'mundo' sempre se esconde. 'Eu' sempre em falta, querendo um mundo que se esquivava. Ser *the best*, mas sempre melancólico pela incompletude.

Que não haja engano *cara pálida*. Há um outro tipo de pensador (que Guattari e Deleuze propagam com suas 'máquinas nômades') que enuncia: *pensamundo*. Onde 'eu' sou um acidente. A atividade criadora do pensamento não procura nada, mas afirma uma tendência. O ponto de origem não é esse 'eu', nem esse 'mundo', mas é a própria atividade de pensar que inventa um modo de ser para o 'eu' e para o 'mundo'. São efeitos. Longe de nós o niilismo, criar e sustentar *pensamundo* requer um existencialismo radical, um existencialismo inconsciente, um compromisso com o que se é, com os problemas que se tem, com os resultados políticos que tudo isso implica, enfim, requer ser totalmente responsável pela vida (inconscientemente responsável, mas animados por uma alegre irresponsabilidade).

Como dizia Félix, os 'fluxos maquínicos' do desejo ignoram essa interioridade do nome próprio. Um nome é um estilo, não tem nada a ver com um centro psíquico que fica se reconhecendo em outrem.

Por uma 'intercessão' mundial o preto do luto tornou-se, momentaneamente, um signo que milhões de brasileiros usaram como símbolo de sua potência, como uma manifestação de recusa à dominação. Um preto Félix, sambista espinozista.

A morte é seca e dura. Nós que amávamos Félix Guattari o temos em nossa carne. Lembro de um pequeno verso que coloca a morte como um acontecimento ordinário, simples, um fato comum:

*Morreu meu pai,
Choramos muito e etc.*

Olhar assim para o futuro implica alegrar-se faustosamente com o passado. O estilo Félix já teve outros nomes ao longo da história: Espinoza, um certo Freud, Deleuze, os sofistas, La Borde, maio de 1968, a sonata de Vinteuil, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart, Claudio Ulpiano, Itajiba, e quantos ainda já 'pensamundo hádevir'.

*A existência não é dialética, não é representável. Mal se consegue vivê-la!
(Félix Guattari, Caosmose)*

*Parece idiota ter que repetir tamanhas obviedades, e no entanto é preciso denunciar sem parar esse gênero de falcatura: não existe estrutura universal do espírito humano e da libido!
(Félix Guattari, Revolução molecular)*